



A totalidade da guerra e o infinito do Outro: uma leitura da relação entre Xié Lián e Bái Wúxiàng sob a ótica levinasiana

Alice Vieira da Silva ¹

Resumo: Este ensaio pretende analisar a relação entre Xié Lián e Bái Wúxiàng, respectivamente protagonista e vilão da novel chinesa *Tiān Guān Cì Fú*, ou “Benção do Oficial do Céu”, de Mò Xiāng Tóng Xiù, sob a perspectiva de um recorte do Prefácio do texto *Totalidade e Infinito*, de Emmanuel Levinas. Primeiramente, irá comentar as reflexões do autor acerca da guerra e da moral, redigidas ao longo dos primeiros parágrafos do prefácio do livro, para, em seguida, discorrer sobre alguns acontecimentos dos Livros 2 e 4 da *novel*, analisando-os sob a ótica levinasiana.

Palavras-chave: Emmanuel Levinas. Mò Xiāng Tóng Xiù. Benção do Oficial do Céu. Totalidade e Infinito.

Abstract: This essay intends to analyze the relationship between Xié Lián and Bái Wúxiàng, respectively protagonist and villain from the Chinese novel *Tiān Guān Cì Fú*, or “Heaven Official’s Blessing”, by Mò Xiāng Tóng Xiù, under the perspective of a snippet of the Preface of the work *Totality and Infinity*, by Emmanuel Levinas. First, it will comment on the reflections of the author about war and morals, war and morals, as found on the first paragraphs of the Preface of the aforementioned book. Then, we shall discuss some events from Books 2 and 4 of the Novel under a Levinasian optics.

Keywords: Emmanuel Levinas. Mò Xiāng Tóng Xiù. Blessing of the Officer of Heaven. Totality and Infinity.

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade de Brasília. E-mail: aalicevieiramel@gmail.com

1. “Corpo no abismo, coração no paraíso”: guerra e totalidade, suspensão da moral e transgressão ao total

Levinas abre *Totalidade e Infinito*² discorrendo sobre as consequências do estado de guerra sobre a moral e as instituições. A noção, mesmo que subconsciente, da possibilidade da guerra, recai sobre as instituições e sobre os corações dos homens como um fantasma do qual eles não podem escapar ou um medo permanente do futuro, pois a própria possibilidade da guerra é permanente. Carrega-se a memória dos horrores das guerras do passado e cresce-se com o medo dos horrores das guerras do futuro. O estado de guerra, isto é, a guerra que se sucede no presente, é a materialização dessa possibilidade.

O estado de guerra, portanto, suspende a moral, pois acarreta – e representa –, em essência, a anulação de condições necessárias para a moral – os imperativos incondicionais. A guerra não somente desapropria as instituições – como, por exemplo, a forma que a guerra permite que se puna sem um julgamento apropriado –, mas também tira a eternidade das obrigações eternas. A suspensão da moral é uma “pausa” no comprometimento vitalício da humanidade com a ética. Dessa suspensão, nasce a arte de prever e ganhar a guerra por todos (e quaisquer) meios, que é a política.

Porque o estado de guerra acarreta na anulação de condições necessárias para a moral, os eventos de guerra, bem como as escolhas que acarretam nestes eventos, não são mais mediadas por uma ótica de certo ou errado, pois, neste momento, tal ótica é impossível – o que representa uma condição aberrante para a humanidade. Essa condição é a própria totalidade, que reduz o sujeito a um objeto que serve, porta e integra aquilo que o comanda.

A guerra é um acontecimento ontológico que provoca uma movimentação dos sujeitos. De um sujeito com autonomia, ele passa a buscar na totalidade o sentido do seu próprio ser, visto que esseria uma ordem objetiva da qual o sujeito não pode se subtrair. Quando há totalidade, porque há guerra, o sentido do sujeito é invisível fora da totalidade. Sua identidade é sacrificada em nome dessa busca de desvendar seu sentido objetivo e, como somente o sentido final conta, somente o ato final o transforma nele próprio. Para ainda além disso, a brutalidade da guerra não se resume ao horror da carnificina, mas à interrupção da continuidade das pessoas. Essa interrupção, no sujeito, culmina na traição dos seus próprios princípios:

A violência não consiste tanto em ferir e em aniquilar como em interromper a continuidade das pessoas, em fazê-las desempenhar papéis em que já não se encontram, em fazê-las trair, não apenas compromissos, mas a sua própria substância, em levá-las a cometer actos que vão destruir toda a possibilidade de acto. Tal como a guerra moderna, toda e qualquer guerra se serve já de armas que se voltam contra o que as detém. Instaura uma ordem em relação à qual ninguém se

² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Edições 70, Ltda. Lisboa, Portugal, 1980.

pode distanciar. Nada, pois, é exterior. A guerra não manifesta a exterioridade do outro e o outro como outro; destrói a identidade do Mesmo. (LEVINAS, 1980, pp. 9-10).

A destruição da identidade do Outro se dá pelo cerne da totalidade, que consiste na anulação do *infinito* do Outro. O infinito é o conceito de oposição à totalidade num livro que é uma defesa da subjetividade – subjetividade, esta, fundada na própria ideia de infinito. Levinas considera os sujeitos como infinitos em si mesmos – e aqui este plural é propositalmente utilizado para elucidar que *todos* os sujeitos são infinitos; não apenas um, não apenas alguns. A infinidade não existe como algo separado dos sujeitos que está neles fixado, mas sim é uma colocação de sua ideia no ser deles.

Mas essa infinitude não é uma homogeneidade compartilhada por todos os indivíduos, e o motivo de este ser outro ponto a se elucidar é que, quando se fala em *infinito*, em geral, pensa-se primeiramente num infinito único e absoluto, como quando se ouve “o universo é infinito” e se imagina o universo como uma longa capa negra sem fim, pela qual distribuem-se os astros e corpos celestes, estendida no espaço. Pelo contrário; é justamente porque o infinito do Eu não se adequa ao infinito do Outro que o infinito levinasiano não é homogêneo. O infinito do Outro é tudo o que o seu infinito não é. Se formos utilizar uma metáfora matemática a fim de elucidar, o Eu é um conjunto infinito de números e o Outro é um conjunto infinito de números à parte, e os números que nele contêm, não contêm em você.

Portanto, o acolhimento do Outro representa um movimento de hospitalidade: você não é um sujeito tendo contato com um objeto, mas sim um sujeito tendo contato com outro sujeito. É justamente por este motivo que a hospitalidade é a transgressão à totalidade, e também por este motivo que a anulação do infinito do Outro legitima, dentro da suspensão da moral, a matança da guerra: o Outro é visto sob uma ótica na qual ele é desprovido de sua infinitude e, portanto, de sua identidade. O Outro é varrido da categoria de “Outro” para a categoria de “inimigo”; feri-lo ou aniquilá-lo não é importante, pois este não é mais um sujeito, e sim um objeto daquilo contra o qual a totalidade que te comanda te faz se levantar contra.

2. Contexto da obra

A partir de agora, teremos um rápido momento de contextualização da referência literária analisada neste ensaio. *Tiān Guān Cì Fú*³ (*pinyin*), ou Benção do Oficial do Céu, é uma *novel* chinesa publicada pela primeira vez de forma independente no JXWC, um *site* chinês *online* de *novels*, por uma escritora que publica sob o pseudônimo de 墨香铜臭 (Mò Xiāng Tóng Xiù). Dividida em cinco livros, a *novel* retrata a história de Xiè Lián, um deus

³ MÒ XIĀNG TÓNG XIÙ. *Tiān Guān Cì Fú*. JXWC, 2017. Tradução amadora para o português disponível em: < [Heaven Official's Blessing Tradução PT-BR - mei - Wattpad](#) > e < [Heaven Official's Blessing Tradução PT-BR II - mei - Wattpad](#) >.

marcial de mais de oitocentos anos de idade que ascende aos céus pela terceira vez após sobreviver por séculos no reino mortal coletando sucatas e com seus poderes restringidos após dois banimentos celestiais. Com tal terceira ascensão tumultuada, ele chama a atenção de um poderoso Rei Fantasma que, posteriormente, se torna seu parceiro romântico.

A este ensaio interessam apenas os Livros 2 e 4, ambos livros escritos com o propósito de contextualizar o passado da história; isto é, apresentar ao leitor o passado conturbado de Xiè Lián. Este deus marcial era o príncipe da coroa do antigo reino de Xiān Lè e um prodígio das artes marciais e da cultivação de *qì*. *Qì* é a energia vital que flui por todas as coisas da natureza, e a ideia de cultivação de *qì*, comum em estórias do gênero *wǔxiá* (fantasia com heróis marciais) e *xiānxiá* (fantasia na qual cultiva-se *qì* buscando a vida eterna), é derivada da crença taoísta de que é possível adquirir o que pode ser simplificado como “poderes” a partir do cultivo de *qì* no próprio corpo.

O universo da *novel* é dividido em três “reinos” espirituais: Celestial, a morada dos deuses; Mortal, onde vivem todos os humanos; Fantasma, do qual fazem parte todos aqueles cujas almas permaneceram no mundo após sua morte graças a rancores não-resolvidos. Para um mortal ascender ao Reino Celestial e se tornar um deus, é necessária uma habilidade impressionantemente elevada ou realizar um feito profundamente notável. O critério de ascensão é amoral; ou seja, ascende-se por nível de poder ou tamanho do feito, independentemente do caráter do indivíduo ou da ética de seu feito. A partir do momento em que tal habilidade ou feito são alcançados, o mortal é testado por uma Calamidade Celestial e, caso passe, ele finalmente ascende aos céus.

Sendo assim, por ser um prodígio das artes marciais e da cultivação, o protagonista ascende com apenas 17 anos, após derrotar, em uma ponte, um fantasma poderoso em sua Calamidade Celestial. Ele então se torna o Deus Marcial da Coroa de Flores. Após a vitória, Xiè Lián foi visto por um cultivador de robe branco plantando uma árvore no sopé da ponte e, quando perguntado pelo cultivador sobre o que ele estava fazendo, ele respondeu “Corpo no abismo, coração no paraíso”. Futuramente, no enredo, seria revelado que este foi o primeiro de seus muitos encontros com o temível vilão, o pior de seus pesadelos, Bái Wúxiàng; um fantasma da categoria mais poderosa, conhecido como A Calamidade Vestida de Branco.

Menos de três anos após sua ascensão, seu reino de Xiān Lè caiu em uma grave crise que rapidamente evoluiria para uma brutal guerra civil. O caos político começou com uma grave seca em Yǒng’ān, uma cidade periférica e muito pobre, cujos habitantes viviam um estilo de vida muito diferente do abastado da Capital Real, e evoluiu para uma crise de refugiados e, eventualmente, para o campo de batalha – e para uma epidemia.

A personagem de Xiè Lián possui um caráter extremamente empático, e desde o início da crise em seu antigo reino, seu alinhamento moral é testado. Ele é repetidamente exposto a situações que já não podem ser lidas pela ótica da moral, pois esta está

suspensa; é forçado a escolher entre o que é certo ou errado sem conseguir atender às necessidades de ambos os lados da guerra civil, sendo um lado a população mais vulnerável de seu povo e outro a Capital Real na qual ele cresceu, governada por um político impotente que é seu próprio pai. As instituições, falidas, representam uma parte da totalidade, a que se volta contra seu próprio povo. Os imperativos morais perdem sua incondicionalidade. Com uma tensão crescente e com o caos ameaçando cada vez mais implodir, a trajetória da personagem nesse arco é centrada na série de transgressões cometidas, que são motivadas por seu emblemático desejo de encontrar um “terceiro caminho” em situações nas quais não é possível fazer uma escolha moralmente correta:

‘Se está certo ou errado, não é importante.’ O Sacerdote disse. ‘Apenas que você deve escolher entre um dos dois caminhos. Nada é perfeito nesse mundo [...]. ‘Se está certo ou errado é muito importante. Se eu devo escolher, então escolho o terceiro caminho.’ Xie Lian respondeu.” MÒ XIĀNG TÓNG XIŪ, 2017, cap. 67)

Os habitantes de Yǒng’ān, lutando contra a seca e a fome, implorando por refúgio na vasta e abastada Capital Real, não recebem provimento do Estado; sua causa, uma questão de vida, morte e dignidade, é diminuída, e suas vidas perdem o valor quando estes passam de sujeitos para objetos rapidamente graças à negligência do Estado e o preconceito da própria população de Xiān Lè. Acusados de causar tumulto, matar e roubar, o povo de Yǒng’ān é punido por um tipo de “justiça” feito primeiro pelo próprio povo de Xiān Lè antes mesmo da guerra chegar ao campo de batalha, mostrando o impacto da totalidade sobre o reconhecimento dos indivíduos de ambos os lados e a impotência das instituições e a suspensão da moral diante de situações extremas.

Xiè Lián transgrediu simultaneamente leis do Reino Mortal e do Reino Celestial num mundo em decadência. Procurando transformação através da política, esbarrando nas limitações do rei, ele ouve que a política não é mais capaz de conter a situação de um modo pacífico. Todos os seus pedidos de apoio aos deuses, exceto por uma única e pequena exceção, são negados por conta da lei imperativa dos céus que proíbe que deuses interfiram nos assuntos humanos. Por buscar o bem tanto para Xiān Lè quanto para Yǒng’ān, Xiè Lián não assume um lado. Seu coração, dividido entre os dois Reinos, Mortal e Celestial, procura o “terceiro caminho” enquanto sua identidade é simultaneamente esmagada por duas totalidades, uma vigorando em cada reino. No âmbito pessoal, ele tenta lidar com a contradição de ser tanto um deus quanto o príncipe da coroa de Xiān Lè e a dor da impotência por, mesmo tendo, em tese, tanto poder, não ter o poder agir. Essa dor é causada pela desapropriação das instituições; com ser subjugado por uma política de ganhar a guerra a qualquer custo, com a qual ele não concorda; enquanto tenta resistir o máximo possível à pressão das totalidades para a anulação de sua própria moral.

Tentando mediar o conflito, buscando essa mediação justamente no resultado da procura por um “terceiro caminho”, as transgressões de Xiè Lián aumentam gradualmente à medida que o estado de guerra avança, enquanto ele próprio luta para que sua própria moralidade não seja suspensa. Mas sua própria busca pelo terceiro

caminho é redundante: ele precisa encontrar uma alternativa perfeita, que atenda às necessidades de ambos os lados sem reduzir nenhum dos sujeitos à objetos.

As interferências de Xiè Lián na guerra civil do reino de Xiān Lè eventualmente acarretam em seu banimento do Reino Celestial, causando, assim, seu retorno ao Reino Mortal como um deus caído com poderes restringidos no momento em que o estado de guerra está finalmente chegando ao espaço do campo de batalha. O resultado de tal transgressão é catastrófico: Xiè Lián, adorado a ponto de ter mais de oito mil estátuas com seu rosto espalhadas por templos pelo reino, é imediatamente reconhecido pelo povo, e sua descida é celebrada. Sendo um deus marcial, a Capital Real de Xiān Lè sabe que será invencível no campo de batalha com Xiè Lián ao seu lado. Então, ocorre a primeira grande supressão de sua moral, quando a totalidade finalmente o transforma no objeto – o deus marcial invencível que salvará a Capital Real – e o envia, imperativamente, ao campo de batalha, com uma espada em mãos, para massacrar os cidadãos rebeldes de Yǒng’ān em nome de Xiān Lè.

Mas este ainda não foi o maior dos testes, tampouco o maior momento de supressão da moral do protagonista, ou sua mais profunda transformação em objeto. Todos passam a ocorrer num processo gradual a partir do momento em que ele encontra seu nênese, Bái Wúxiàng.

3. A Calamidade Vestida de Branco e a supressão da infinitude do Outro

Bái Wúxiàng era, então, o fantasma mais poderoso do mundo. Vestido num robe de funeral branco, com seu rosto constantemente coberto por uma máscara branca em que metade do rosto chorava e a outra metade sorria, sua aparência representa um aspecto muito importante do seu próprio infinito: a dor pela brutalidade do estado de guerra que existe simultaneamente ao seu prazer de liberar seu rancor pela humanidade – ambos provocados por seu passado que é, em tese, muito parecido com o de Xiè Lián. O legado de Bái Wúxiàng era de trazer guerra, morte e doença aonde quer que ele fosse.

Bái Wúxiàng, movido por uma obsessão por Xiè Lián que já existia desde o primeiro encontro entre os dois, está determinado a mostrar ao protagonista que a humanidade não merece todo o seu esforço doloroso, incondicional e irreversível para buscar um terceiro caminho. Ele agita, no protagonista, sentimentos de fúria, ódio, rancor e vingança, manipulando-o até um estado psicológico extremamente vulnerável por meio de torturas físicas e psicológicas extremas. Seu grande objetivo é suprimir a identidade de Xiè Lián, transformando-o num objeto ao seu espelho que deverá sucedê-lo como A Calamidade Vestida de Branco no futuro. Ele convence Xiè Lián de que eles são, na verdade, extremamente parecidos, e que ninguém nunca o entenderá como ele entende. “Bai Wuxiang bufou suavemente, ‘Você virá para o meu lado um dia [...] Neste mundo, ninguém além de mim irá verdadeiramente entender você, e ninguém além de mim ficará

para sempre ao seu lado [...] Eu esperarei por você aqui, Sua Alteza” (MÒ XIĀNG TÓNG XIÙ, 2017, cap. 187)

Tal movimento priva Xiè Lián de seu infinito e o transforma numa extensão, ou numa impressão, do infinito do próprio Bái Wúxiàng: aos olhos de Bái Wúxiàng, Xiè Lián não é um sujeito válido com seu infinito que é tudo o que Bái Wúxiàng não é, mas é e deve ser um objeto cuja infinitude é reduzida à uma mimese da infinitude do próprio Bái Wúxiàng. E, para operar tal redução, a conduta moral Xiè Lián precisa ser, a qualquer custo, suprimida.

Bái Wúxiàng é o responsável por provocar a maioria dos eventos marcantes para a linha do tempo da guerra civil de Xiān Lè. Ele está por trás do acontecimento-chave para a eclosão das batalhas; vai, ele próprio, ao campo de batalha, pelo lado de Yǒng’ān, massacrar os soldados de Xiān Lè; opera aliado ao líder dos rebeldes de Yǒng’ān e realiza o ritual que cria a epidemia da Doença da Face Humana, uma doença caracterizada pela eclosão de rostos humanos, com consciência e capacidade de falar, nos corpos dos infectados.

Com a violência se alastrando pelos campos de batalhas e pelas ruas, com conflitos entre refugiados de Yǒng’ān e habitantes da Capital Real, com a total falha da política de Xiān Lè para ganhar a guerra sobre todos os meios e, em contrapartida, com o sucesso da política de Yǒng’ān para ganhar a guerra sobre todos os meios (tendo um líder aliado de Bái Wúxiàng, consentindo com a contaminação em massa dos habitantes de Xiān Lè pela Doença da Face Humana), o povo começa a perder a fé em seu Príncipe Herdeiro Xiè Lián, impotente e sem poderes. Xiè Lián falha em encontrar seu terceiro caminho, Yǒng’ān derrota seu reino no campo de batalha. A população da Capital Real, gradualmente, sucumbe às mazelas do estado de guerra: violência, pobreza e doença. Xiān Lè cai, e Yǒng’ān se torna um reino em seu lugar.

Com o povo culpando as falhas e a impotência de Xiè Lián por todos os fatores que levaram à queda de seu reino, ele vai do título de Deus Marcial da Coroa de Flores para o de Deus do Infortúnio. Suas oito mil estátuas, antes adoradas, agora são cuspidas e pisadas. Ele, sua família e seus dois únicos amigos são fugitivos de guerra e penhoram todos os seus tesouros, vivendo em pobreza e trauma, fugindo de uma cidade para a outra.

Depois de aproximadamente três anos em guerra e fugindo, sendo copiosamente manipulado e psicologicamente torturado por Bái Wúxiàng, a saúde mental de Xiè Lián finalmente declina. Traumatizado, humilhado, profundamente deprimido e paranoico, vendo Bái Wúxiàng em todos os lugares, inclusive em seu próprio reflexo, seus únicos dois amigos o abandonam, seus pais cometem suicídio e Bái Wúxiàng o expõe a uma extrema tortura física: com Xiè Lián e mais cem mortais presos num templo, o fantasma revela que a imunidade à Doença da Face Humana é conseguida ao cometer um assassinato. Assim, ele agita a multidão de mortais a, com somente uma espada, um a um,

perfurarem algum ponto vital do corpo imortal de Xiè Lián – que, apesar de não ser capaz de morrer, é plenamente capaz de sentir dor. A moral das cem pessoas é testada e somente uma delas se recusa até o final a participar da tortura. Todas as outras “matam” Xié Lián para o seu próprio bem, munidos da mentalidade de que, se ele não pode realmente morrer, então não importa, pois seus “assassinatos” foram cometidos em nome de suas próprias sobrevivência.

Essa cadeia de eventos marca o momento em que Xiè Lián finalmente sucumbe à totalidade. Com sua própria moral suspensa, convencido de que a única coisa que lhe resta a fazer é seguir os passos de Bái Wúxiàng, tendo sido reduzido à uma mera mimese deste, Xiè Lián veste um robe de funeral branco, cobre seu rosto com uma máscara branca em que metade ri, a outra metade chora, e põe em prática o seu plano de vingança. Indo até o campo de batalha, ele incita o rancor nas almas dos soldados mortos de Xiān Lè e as captura a fim de provocar uma segunda onda da epidemia da Doença da Face Humana e, assim, causar a ruína de Yǒng’ān.

Tal atitude representa a total supressão da identidade do sujeito diante da totalidade, a negação de seu infinito em nome da mimese do infinito do outro. O protagonista, enfim, trai sua essência. Sua continuidade é interrompida no exato momento em que ele é convencido de que seu esforço foi infrutífero e só trouxe sofrimento a ele mesmo, e que a humanidade que ele quis proteger do horror da guerra não valia a pena o esforço, pois todos – seja por omissão, por ingratidão, por participarem ativamente nas torturas físicas ou por simplesmente já serem objetos que são parte da totalidade – contribuíram para a supressão da sua identidade.

O momento em que Xiè Lián desiste, de última hora, de causar tal catástrofe, é quando, numa última tentativa desesperada de testar a humanidade, ele recebe a ajuda de um comerciante de arroz. O comerciante olha em seu rosto, o reconhece como o Príncipe da Coroa de Xiān Lè e mesmo assim lhe oferece água e lhe dá de presente um chapéu de bambu – chapéu este que Xiè Lián manteria consigo por todos os oitocentos anos em diante.

Este é seu momento final, maior e mais importante momento de transgressão à totalidade na guerra civil de Xiān Lè. Por mais que estivesse em cima da hora de frear completamente seu plano de vingança, um caos muito maior é evitado por uma figura externa que o reconhece e, com tais gestos, lembra-o do que ele realmente é: um infinito.

Conclusão

A ética levinasiana oferece um olhar muito amplo do estado de guerra, e sua ética de alteridade oferece um olhar ainda mais amplo sobre a humanidade, reconhecendo todos os indivíduos como sujeitos, tão sujeitos que são sujeitos em infinitude. A obra de Mò Xiāng Tóng Xiù oferece muitas outras situações que poderiam ser analisadas, e melhor

compreendidas em seu próprio significado dentro da obra, pela ótica dos conceitos trabalhados por Levinas, inclusive outros aspectos da relação entre Xiè Lián e Bái Wúxiàng. Diante da falta de espaço para expandir a análise aqui, fica registrado o potencial da ponte entre os conceitos levinasianos e a obra literária, e que uma grande reflexão que podemos extrair de *Totalidade e Infinito* se dá justamente no entendimento do outro como um Infinito que é tudo o que o Eu não é como uma forma de resistência ao total.

Referências:

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Edições 70, Ltda. Lisboa, Portugal, 1980.

MÒ XIĀNG TÓNG XIÙ. *Tiān Guān Cì Fú*. JJXWC, 2017. Tradução amadora para o português disponível em: < [Heaven Official's Blessing Tradução PT-BR - mei - Wattpad](#)> e < [Heaven Official's Blessing Tradução PT-BR II - mei - Wattpad](#)>.